



## ECOS DA GUERRA CIVIL EM *A SOMBRA DO VENTO* E *SOLDADOS DE SALAMINA*: O PAPEL DO ESCRITOR

VAZ, Ana Rita Nunes (Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras,  
Portugal)<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste artigo, pretendo fazer uma comparação entre duas obras: *A Sombra do Vento* de Carlos Ruiz Zafón e *Soldados de Salamina* de Javier Cercas. Ambas as obras foram publicadas em 2001, têm como pano de fundo a cidade de Barcelona e a região da Catalunha e trazem nas suas linhas ecos da guerra civil e da história de Espanha. De modos distintos, os seus narradores vão empenhar-se numa investigação que os leva a tecer uma manta de retalhos com todas as histórias, livros e pessoas com quem se cruzam. Nessa busca incessante pela verdade, percebemos que ela não é una, pois cada um tem a sua versão dos factos, cada um leva consigo uma peça importante no grande puzzle da reconstrução histórica. O leitor, por sua vez, desfia essa manta de retalhos e vai aprendendo histórias que viveram nas sombras e agora se resgatam, vai reconhecendo traços da sociedade espanhola e o impacto que teve a guerra e o «pacto de silêncio». Quis sobretudo assinalar a importância do escritor para manter viva a História e tudo o que faz parte dela, a importância do escritor para reflectir sobre a veracidade dos factos, a verosimilhança dos testemunhos, a memória transfigurada e a heroicidade dos seus protagonistas. Se continuamos vivos enquanto nos recordam, recordemo-nos do passado para que o presente possa manter viva essa herança e, assim, construirmos um futuro melhor.

**PALAVRAS-CHAVE:** literatura contemporânea, memória, guerra civil.

**ABSTRACT:** In this article, I pretend to do a comparative work between two novels: *La Sombra del Viento* of Carlos Ruiz Zafón and *Soldados de Salamina* of Javier Cercas. Both novels were published in 2001, the city of Barcelona and the region of Cataluña are their scenery and the novels bring in their lines the civil war's and the history of Spain's echos. In different ways, their narrators start an investigation that takes them to a weaving work: a blanket with so many strips as the stories, books and persons that cross their ways. In that incessant quest for true, we realize that the true is not unique, that each one has their version of the facts, each one carries an important piece of the big puzzle that is, metaphoric, historical reconstruction. The reader, in his turn, unweave that blanket with many strips and he learns the stories that lived on shadows and that now come to light, the reader recognizes the characteristics of Spanish society and the

impact of the war and the so called «pacto de silencio». Mostly, I wanted to emphasize the importance of the writer in keeping alive History and all what is within her, the importance of the writer for meditate about the veracity of the facts, the verisimilitude of the testimonies, the transfigured memory and the heroism of the characters. If we stay alive as long as we are remembered, so remind our past is a way to keep alive that inheritance in the present and, doing so, we built a better future.

KEY-WORDS: contemporary literature, memory, civil war.

## I. INTRODUÇÃO

(...) enquanto nos recordam, continuamos vivos.

Nuria Monfort

Carlos Ruiz Zafón e Javier Cercas publicam os seus romances no ano de 2001, facto casual, no entanto, podemos estabelecer ligações maiores à medida que comparamos os seus enredos. Ambas as obras não trazem a Guerra Civil para o plano principal da história, mas acarretam ecos dessa memória colectiva que deseja juntar as peças, ecos de recordações e de imagens que vêm de um passado longínquo e que querem fazer parte do presente.

A região da Catalunha, e particularmente a cidade de Barcelona, é cenário para os dois romances e palco de histórias tão diversas como as personagens que as habitam, em diferentes tempos. Parafraseando Julián Carax, uma personagem d' *A Sombra do Vento*, tudo está realmente ligado "numa estranha cadeia de destinos e de acasos" (p. 461).

## 2. PACTO DE SILENCIO

Durante o período da Transição (1975-1978), o «pacto de silencio» surgiu como um acordo tácito entre o exército e a extrema-direita, por um lado, e a população em geral, vítima da guerra directa ou indirectamente. A Guerra Civil foi recordada e manipulada pela Ditadura, a História foi (re)escrita a favor do regime franquista e usada como repressão, e a população foi obrigada a manter o silêncio, sem reconhecimento das suas vidas ou memórias (GRAHAM, 2006, pp. 173-174).

O "medo" das consequências de abrir velhas feridas, de avivar memórias,

já não está presente na geração de Ruiz Zafón e de Cercas, como ilustra a frase de Pedro Almodóvar (*Carne Trémula*, 1997): “Por suerte para ti, hijo mío, hace ya mucho tiempo que en España hemos perdido el miedo.” (in GRAHAM, 2006, p. 175).

No início do século XXI, muitas das sementes de memórias individuais, guardadas no silêncio por tantos anos, vão brotar e iniciar o projecto da memória colectiva: a Historiografia converte-se num “acto de cidadania democrática e constitucional” (GRAHAM, 2006, P. 175); os civis criam associações que querem de alguma forma desenterrar o passado (destacamos a Associação para a Recuperação da Memória Histórica, ARMH); os escritores trazem de novo os ecos da guerra civil para os seus romances, agora com o distanciamento necessário para a verem noutra perspectiva, de “nietos de la guerra” (cf. SÁNCHEZ, 2007, p. 163).

Numa entrevista, Javier Cerca toca precisamente neste ponto: “(...) en mi caso hay una mirada más distanciada de la guerra (...) menos implicada (...) este pacto de olvido que ha hecho olvidar todo [...] Éste es el libro que hace *rescatar* en gran medida muchas de estas cosas.” (PAYNE, 2004, p. 119).

Contudo, o tempo da escrita nem sempre corresponde ao tempo da história. Em Cercas, o romance começa desta forma: “Foi no Verão de 1994, faz agora mais de seis anos, que ouvi falar pela primeira vez do fuzilamento de Rafael Sánchez Mazas.” (CERCAS, 2001, p. 15). O narrador-personagem, Javier Cercas, começa uma busca que dura seis anos e que termina com a escrita do seu livro em 2001. É uma busca pós-ditadura e pós-transição, com a liberdade e o distanciamento necessários para encontrar verdade e injustiças nas duas facções, mas com a desvantagem do tempo longínquo que também permite o esquecimento ou a manipulação das recordações.

*A Sombra do Vento*, por sua vez, começa assim: “Ainda me lembro daquele amanhecer em que o meu pai me levou pela primeira vez a visitar o Cemitério dos Livros Esquecidos. Desfiavam-se os primeiros dias do Verão de 1945 (...)” (Ruiz Zafón, 2001, p. 11). Do princípio da história, em 1945, até à última página decorrem vinte anos, portanto ainda no decorrer da Ditadura de Franco, anos em que não se falava da guerra, onde o medo e a repressão policial se mantinham presentes e a mentalidade da sociedade espanhola estava fechada, confinada à tradição.

Miralles diz a Cercas que alguém decidiu, talvez com razão, que as histórias da guerra deviam ser esquecidas:

Acredite, essas histórias já não interessam a ninguém, nem sequer àqueles que as

viveram. Houve um tempo que sim, mas já não. Alguém decidiu que era preciso esquecê-las e, sabe o que lhe digo? O mais provável é que tivesse razão. Além disso, metade delas são mentiras involuntárias e a outra metade, mentiras voluntárias. (p. 148)

O pai de Daniel confessa-lhe que a sua mãe, antes de morrer, fê-lo prometer que nunca lhe falaria da guerra nem o deixaria recordar e que “às vezes é melhor deixar as coisas como estão” (Ruiz Zafón: p. 47). Nuria Monfort refere também várias vezes que nada alimenta tanto o esquecimento como uma guerra. Contudo, não é a guerra civil que os autores trazem para o primeiro plano, mas a busca de uma memória (ou várias) que se quer manter viva, porque “existimos enquanto alguém nos recorda” (Ruiz Zafón: p. 186).

O Cemitério dos Livros Esquecidos, que segundo sabemos apenas existe nas páginas de Ruiz Zafón, é o lugar simbólico onde habita a memória, visitado apenas por alguns bem-aventurados, onde há regras explícitas de maneira a não permitir a aniquilação por parte daqueles que querem destruir a memória. Tem um guardião, como as Portas do Paraíso ou o Inferno de Dante, chamado Isaac: o abençoado do Senhor, segundo os Génesis.

De modos distintos, as duas obras tentam conciliar o passado e o presente, a memória e o esquecimento, a vida e a ficção. Há um vaivém entre os dois pólos de que o leitor apenas tem um vislumbre, enleado ele próprio nos fios que os dois autores teceram nas suas obras. Vamos tentar então desfiar o que achamos essencial e desvendar as imagens nelas contidas.

### 3. NARRADORES-PERSONAGENS: SEMPERE E CERCAS

Começemos com o plano narrativo, para nos familiarizarmos com as histórias e recordar as personagens.

Daniel Sempere tinha apenas dez anos quando o pai o levou ao Cemitério dos Livros Esquecidos. Escolheu um livro para levar, de acordo com as regras, mas ficou com a impressão que o livro é que o escolhera, que estivera sempre ali à sua espera. Foi nesse livro que Julián Carax, o autor, se apresentou mais o seu mundo de sombras, pois “todas as suas personagens eram ele próprio” (Nuria, p. 185).

Começa assim uma história que leva Daniel a querer saber qual a história

de Julián e que, por sua vez, o conduz a outras personagens que também têm a sua história para contar. As histórias de ambos acabam por se cruzar: “Vocês procuravam-se um ao outro, Daniel.” (Nuria, p. 461), e o que descobre vai acompanhá-lo por toda a sua vida, talvez porque todos aqueles seres, que viviam nas sombras, já fazem parte dela.

Do núcleo de Daniel, temos o pai; Tomás e Beatriz Aguilar (o melhor amigo de infância e a mulher por quem se vai apaixonar na sua juventude); Gustavo Barceló e a sua sobrinha Clara (que o vão ajudar a descobrir mais acerca de Julián); Bernarda (a criada dos Barceló, quase uma mãe para Daniel); Fermín Romero de Torres (um sem abrigo, antigo espião, torna-se no melhor amigo de Daniel). E o Inspector Javier Fumero, oponente da narrativa, dá pistas armadilhadas para conseguir apanhar tudo o que quer na sua rede, detesta livros, entre outras coisas, e é o principal aniquilador da memória. Existe também Laín Coubert, uma personagem de um dos romances de Carax, que se materializa para destruir toda a sua obra.

Do núcleo de Julián, conhecemos a história de seus pais (Antony Fortuny e Sophie); da sua eterna amada Penélope Aldaya; dos seus amigos de infância Miquel (futuro escritor, tradutor, patrono das artes), Fernando (futuro padre), Javier Aldaya e Fumero (futuro inspector); Nuria Monfort (a mulher que o amou durante quinze anos, ainda antes de o conhecer); Jacinta (a aia de Penélope, uma mãe para ambos).

Javier Cercas, jornalista de profissão, tem a oportunidade de entrevistar Rafael Sánchez Ferlosio, filho de Rafael Sánchez Mazas, que lhe relata um episódio do final da guerra civil. Abreviando a história, Cercas intenta por todos os meios possíveis descobrir mais sobre Sánchez Mazas e sobre o episódio em que um miliciano lhe terá salvo a vida, após um fuzilamento em massa perto da fronteira. São várias as pessoas com quem contacta: Miquel Aguirre, historiador; Andrés Trapiello, escritor e editor de Sánchez Mazas; o próprio Sánchez Mazas através de um arquivo da Filmoteca da Catalunha e do seu diário; Jaume Figueras, filho de um dos «amigos do bosque»; os «amigos do Bosque»: Figueras, Angelats e Maria Ferre.

Com todos estes testemunhos, mais um pouco de lógica e imaginação, Cercas decide escrever um “relato real”: história que o próprio Sánchez Mazas queria escrever, mas apenas viveu. O título seria: *Soldados de Salamina* e corresponde ao título da segunda parte do livro de Cercas, o autor empírico.

No entanto, após a escrita deste “relato real” continua a haver uma peça que falta: o miliciano que olhou Sánchez Mazas nos olhos e lhe salvou a vida: “O que não tenho é a versão republicana do que aconteceu ali, e sem ela, o meu livro fica incompleto” (p. 148). A terceira parte é outra busca que procura a outra versão dos acontecimentos mas de cujo herói nunca estaremos certos, pois não há provas con-

cretas que Miralles seja a pessoa que procura.

#### 4. O RESGATAR DAS HISTÓRIAS

Desde logo podemos estabelecer um paralelismo entre Julián Carax, personagem de ficção, e Rafael Sánchez Mazas, personagem histórica: no início de ambos os romances os narradores nunca ouviram falar deles. Há um mistério que envolve as duas personagens.

Por um lado, temos Julián que vai para Paris em 1919 a fugir de um futuro que os outros lhe queriam impor, publica em francês e em castelhano mas é mal aceite pelos críticos. A partir de 1936, precisamente quando os ventos da crítica literária lhe começam a ser favoráveis, Julián desaparece de Paris e volta para Barcelona mas ninguém sabe nada do seu paradeiro, muitos julgam que morreu.

É Isaac que afirma que deve haver umas dez pessoas em Barcelona que ouviram falar dele e Nuria comenta que nesses dias Carax não era mais que uma sombra. É Daniel Sempere com a ajuda dos seus amigos que vai tentar resgatar Carax das sombras e impedir a aniquilação por ele próprio, na forma de Laín Coubert, ou por outros, como o Inspector Fumero: "As coisas passadas são para as deixar estar, percebe?". A dedicação final é clara: "Para Daniel que me devolveu a voz e a caneta."

Na nossa opinião, Ruiz Zafón, ao resgatar a história de Julián Carax, está também a resgatar a História da Espanha daquela época, dos anos da guerra civil, dos anos antecedentes e subsequentes. A sobreposição do passado / presente, os vários momentos históricos – Ditadura de Rivera, Primeira República, Guerra Civil, Pós-Guerra, Ditadura – estão presentes quase nas entrelinhas do romance, em apartes, comentários irônicos, reflexões mais ou menos sérias sobre a guerra e o que ela representou para a sociedade.

Quase na *sombra* há reminiscências de uma cidade – Barcelona – e a sua evolução no tempo, assim como memórias de vidas – que é a memória de um colectivo (a ligação entre passado / presente pode ser assim entendida). E memória de *pequenas coisas* da sociedade colectiva: a guerra de Cuba e o conflito com os EUA; o café *Els Quatre Gats* e as tertúlias literárias; o exílio para França e para a América Latina (Argentina, México); a edição de livros em castelhano na França; a migração que leva Jacinta e Bernarda para Barcelona, em épocas diferentes; os que passaram de anarquistas para comunistas e fascistas e que por fim ficaram do lado da facção vencedora

como Fumero; o castelo de Montjüic, as sepulturas anónimas, a tortura nas prisões, a verdade oficial vs verdadeira e o “regulamento” para quem trabalhava na morgue; a crença popular que em Barcelona não iria acontecer nada e o inferno vivido no último ano de guerra e nos anos que se seguiram.

Já na época da Ditadura sublinha-se a ligação da República ao anticlericalismo (com Fermín e referências à CNT) e à degradação das famílias mais endinheiradas, como os Aldaya, que enriqueceram ainda no século XIX nos sectores da Banca e da Indústria, Têxtil e de Guerra. É visível também o pensamento fascista em relação aos “rojos” (Fumero e Professor Velázquez); o patriotismo nacional: “o uniforme da viúva devota” e o recrutamento militar; a propaganda fascista: o “No-Do” (criado em 1942, projecção obrigatória em todas as salas de cinema) e as notícias que giravam em torno das obras públicas e do desenvolvimento (*Hoja del Lunes*, por exemplo). Por outro lado, há quem suspire pela morte de Franco (Fermín) e tenha saudades do tempo de Manuel Azaña.

Por um lado, a modernização entra com o cinema e a música com artistas conhecidos, como Estrellita Castro e Cary Grant, ou ainda pelo aparecimento da televisão que leva alguém a afirmar que “O romance está morto e enterrado” (p. 452). Por outro lado, a rádio continua a passar zarzuelas e concursos de conhecimentos religiosos, que mantinham “electrizadas as audiências de Espanha inteira” (p. 341) e as editoras continuam a publicar “catecismos, manuais de boas maneiras e uma colecção de séries romaneadas de leitura edificante protagonizadas por freirinhas de comédia ligeira, pessoal heróico da Cruz Vermelha e funcionários felizes e de alta fibra apostólica” (p. 451) e hagiografias – o êxito do ano de 1965. Apercebemo-nos de uma sociedade muito religiosa, que a República esqueceu, cujo exemplo neste romance é Bernarda, muito “misseira” e devota de Nossa Senhora de Lurdes.

No outro romance, *Soldados de Salamina*, Sánchez Mazas era um dos falangistas mais conhecidos de Espanha (todos o conheciam no Collell, conta Miralles) e a história do seu fuzilamento frustrado (ou pelo menos a parte que era essencial propagandear) foi grandemente difundida pelos jornais da Barcelona recém-ocupada pelos franquistas e por toda a Espanha. No entanto, em 1994, Cercas nunca tinha ouvido falar dele, nem sequer como escritor, porque, como explica Andrés Trapiello, “tinha vencido a guerra, mas não a história da literatura”.

Javier Cercas, autor empírico, tem por objectivo não a reconstrução da memória histórica ou colectiva, mas sim a reflexão sobre várias questões: a veracidade dos factos e a verosimilhança dos testemunhos; as etiquetas “facho” e “rojo”, pois as histórias das pessoas são muito mais complexas do que uma cor política; a heroicidade.

*Soldados de Salamina* permite-nos vislumbrar as dificuldades que a reconstrução de uma memória colectiva implica e há, por parte do autor, uma tentativa de, por um lado, investigar e documentar-se o mais possível e, por outro lado, reflectir sobre a deturpação das memórias passados tantos anos. Em relação ao acontecimento que dá motor à intriga – o salvamento de Sánchez Mazas por um miliciano – Ferlosio diz que ignora “se se ajustará à realidade dos factos, eu conto-a tal como ele ma contou.”; Miquel Aguirre diz que “foi um episódio confuso”; Figueras (filho), por sua vez, conta a versão dos «amigos do bosque» mas reconhece que “não tinha mais do que um conhecimento vago dos factos” e quase não se recorda: “Já lhe disse que não prestava muita atenção a essas coisas” (p. 46) e “nem Figueras [pai] nem Angelats conservam uma lembrança muito nítida daqueles dias” (p. 99).

Por outro lado, a reconstrução da vida de Sánchez Mazas permite-nos perceber que a sua história não era linear, que havia mais para contar, mas ao ganhar a guerra “perdeu a história da literatura” (Trapiello, p. 118). O autor discorre sobre este aspecto, na tentativa de reivindicar um bom escritor: assim como há que separar a ficção da realidade, também teremos que separar a literatura da política. Para além disso, não podemos tomar lados, pois em ambas as facções se cometeram erros e atrocidades sendo a função do escritor não apenas falar de um dos lados, mas também do outro.

Recupera-se também a vivência dos vencidos, representada em Miralles (mais todos aqueles que menciona) e naquela segunda carta recebida após a publicação do primeiro artigo. É a preservação da memória de um bom escritor, dos heróis anónimos e de duas visões distintas mas complementares do mesmo acontecimento: o salvamento de Sánchez Mazas por um miliciano republicano, em pequena escala; a guerra civil, em larga escala.

Por fim, reflecte-se sobre a heroicidade. Bolaño refere que “herói” talvez seja aquele “que tem coragem e o instinto de virtude e por isso nunca se engana, ou, pelo menos, não se engana no único momento que importa não se enganar” (p. 125). Para Miralles, ele nunca poderá ser um herói, pois “heróis só são heróis quando morrem ou os matam. E os heróis a sério nascem na guerra e morrem na guerra. Não há heróis vivos, jovem. Estão todos mortos.” (p. 167).

## 5. CONCLUSÕES

*A Sombra do Vento e Soldados de Salamina* não são apenas a busca por



memórias individuais, por heróis individuais. Nas duas obras encaixam-se, como vimos, várias outras histórias à volta das que buscamos. Como bonecas russas, vamos descobrimos outras personagens, ficcionadas ou históricas, que fazem parte da mesma manta de retalhos que é afinal a História de um país, a História de um povo.

Daniel Sempere escolheu um livro no Cemitério dos Livros Esquecidos; Javier Cercas foi atrás de um acontecimento ocorrido no final da Guerra Civil. Quantos mais estarão por aí, à espera que alguém os tire da sombra e lhes resgate a voz?

A quantidade de referências literárias que aparecem nas duas obras, talvez mais *A Sombra do Vento*, afinal trabalhava-se numa livraria, permite-nos chegar à conclusão que o que estes escritores do século XXI buscam na realidade é a valorização do escritor, a sua capacidade de dar voz, de dar vida. No fundo, são os intérpretes da sociedade, os que guardam e permitem a passagem entre o passado e o presente, a vida e a ficção, o esquecimento e a memória.

Mais concretamente n' *A Sombra do Vento*, mas também com a história de Miralles, lemos histórias de personagens que pertencem ao mundo da ficção, àquela percentagem de imaginação que Cercas usou no seu "relato real" e que faz destas obras dois romances e não historiografias. A literatura não serve para nos dar o real, mas apenas o verosímil e todas estas histórias nos trazem ecos dessa realidade camuflada durante tantos anos, à sombra do vento.

A única coisa que Miquel e Daniel pedem a Julián Carax é que continue a escrever, por ele, por Penélope, no fundo, por todos aqueles que viveram nas sombras. E na dedicatória da edição renovada d' *A Sombra do Vento* está escrito: "Para o meu amigo Daniel que me devolveu a voz e a caneta. E para Beatriz, que nos devolveu a vida a ambos". É esse livro que estivemos a ler, o livro que Sempere escreveu e onde estão contidas todas as outras histórias.

Fermín também diz algo de significativo a Daniel: "Vamos, ande. Que nos esperam ao Daniel e a mim. Espera-nos a vida". A vida que tem de seguir em frente, o escritor que não pode parar de escrever e o leitor ou o cidadão comum que deve guardar e transmitir as recordações, não as deixar esquecer – não é por acaso que o livro termina como começou, o mesmo acontecendo com *Soldados de Salamina*. As lembranças do passado são a herança de um povo e enquanto houver alguém que lembre, os "heróis" da guerra continuarão vivos.

## NOTAS

<sup>1</sup> Discente da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Frequenta no presente ano lectivo (2012-2013) o terceiro ano do curso Línguas, Literaturas e Culturas

– Major em Estudos Espanhóis. Mestre pela Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, na área do Ensino de Português e de Línguas Clássicas no 3.º Ciclo e Secundário.

## REFERÊNCIAS

CERCAS, Javier (2002). *Soldados de Salamina*. Tradução: Helena Pitta. Porto: Asa.

CUMMINGS, Jason Charles (2010). *La Arquitectura de la Memoria Narrativa: Un análisis de la estructura en cinco novelas contemporáneas de España*. University of Massachusetts – Amherst [MA], pp. 154-191. Disponível em URL: [http://scholarworks.umass.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1215&context=open\\_access\\_dissertation&seiredir=1#search=La+Arquitectura+de+la+Memoria+Narrativa:+Un+análisis+de+la+estructura+en+cinco+novelas+contemporáneas+de+España](http://scholarworks.umass.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1215&context=open_access_dissertation&seiredir=1#search=La+Arquitectura+de+la+Memoria+Narrativa:+Un+análisis+de+la+estructura+en+cinco+novelas+contemporáneas+de+España)

GARCÍA-NESPEREIRA, Sofia (2008). “El «relato real» de Javier Cercas: la realidad de la literatura”, in *Confluencia*, Fall 2008. Göteborgs Universitet. Disponível através do “Project Muse”.

GÓMEZ L-QUIÑONES, Antonio (2008). “A propósito de las fotografías: políticas de la reconstrucción histórica en La noche de los cuatro caminos, Soldados de Salamina y Enterrar a los muertos”, in *Revista Hispánica Moderna*, vol. 61, n.º 1, Junho 2008, pp. 89-105. Disponível através do “Project Muse”.

GRAHAM, Helen (2006). *Breve historia de la guerra civil*, Madrid: Espasa Calpe.

PAYNE, John (2004). Open Forum – “An interview with Javier Cercas: language, history and memory in Soldados de Salamina”, in *International Journal of Iberian Studies*, vol. 17, n.º 2. Disponível através do “Project Muse”.

RAMOS CABALLERO, Aurelio (s.d.). *The Spanish Civil War in Contemporary Spanish Fiction: Soldados de Salamina, La Mula and Los Girasoles Ciegos*. Disponível em URL: <http://etheses.bham.ac.uk/417/1/Caballero10MPhil.pdf>

RUIZ ZAFÓN, Carlos (2008). *A Sombra do Vento*. Tradução: J. Teixeira de Aguiar. Alfragide: Publicações D. Quixote.